

NOVO MENSAGENS

PORTUGUÊS 11.º ANO

Célia Cameira
Alexandre Dias Pinto
Carla Cardoso
Ana Andrade

DESTAQUES

- **Manual inovador e motivador** da aprendizagem, que apoia o aluno em todos os domínios.
- **Estrutura clara, com seleção textual criteriosa** e questionários breves e gradativos.
- **Facilitador do estudo do aluno:**
 - Contextualizações com animações «Vidas desenhadas...» **NOVO**
 - «Mensagens em Interação» **NOVO**
 - «#ComoResponderBem?» **NOVO**
 - Fichas informativas (Educação Literária e Gramática)
 - «Sei ou não sei? Eis as questões...» **NOVO**
 - Sínteses de unidade
 - Fichas formativas, com estrutura de exame
 - SIGA, com exercícios
 - Caderno de Atividades, com esquemas-síntese (Educação Literária de 10.º e 11.º anos) e testes **NOVO**
- **Avaliação diferenciada** com disponibilização de recursos específicos
- Diversificação de abordagens dos cinco domínios das AE.
- **Dossiê do Professor rico e recursos digitais inovadores** que facilitam o trabalho do Professor.



Materiais exclusivos do Professor

Manual
do Aluno

Caderno
de Atividades

Esquemas-síntese
e Testes

 auladigital



ONLINE



OFFLINE



DOWNLOAD

www.mensagens11.te.pt


Texto

MANUAL INOVADOR

e motivador da aprendizagem do aluno

NOVO

MENSAGENS CRUZADAS

Abertura de unidade, com testemunho de uma personalidade do mundo da literatura/cinema/teatro/música e com ilustração alusiva ao autor/obra que irá ser estudado, da autoria de Hugo van der Ding.

Unidade 1

Padre António Vieira

«Sermão de Santo António [aos Peixes]»



pp. 20-21

Unidade 2

Almeida Garrett

Frei Luís de Sousa



pp. 76-77

Unidade 3

Camilo Castelo Branco

Amor de perdição



pp. 168-169

Unidade 4

Eça de Queirós

Os Maias



pp. 228-229

Unidade 5

Antero de Quental

Sonetos completos



pp. 300-301

Unidade 6

Cesário Verde

«O sentimento dum ocidental»



pp. 322-323

Contextualização histórico-literária de Eça de Queirós

Cronologia

1845 Nascimento de Eça de Queirós.

1849 Inauguração do Teatro Nacional.

1851 Início da Regeneração.

1856 Inauguração do primeiro traço do caminho de ferro português (Lisboa-Carregado).

1861 Eça de Queirós em Coimbra.

1865 Publicação de *Odes Modernas*, de Antero de Quental. Início da *Questão do Bom Senso e Bom Gosto*.

1867 Eça de Queirós em Lisboa.

1871 Realização das Conferências Democráticas do Casino Lisboense.

1880 Publicação de «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde.

1886 Publicação de *Sonetos*, de Antero de Quental.

1888 Publicação de *Os Maias*, de Eça de Queirós.

1890 Último inglês.

1900 Morte de Eça de Queirós.

Conheces Eça de Queirós... ou queres que faça um desenho?

1. Vê a animação e seleciona a opção que completa corretamente cada afirmação, de acordo com o documento.

1.1 Eça de Queirós destacou-se pela escrita

- de géneros narrativos e do modo lírico.
- de géneros narrativos.
- do modo dramático e do modo lírico.
- de géneros dramáticos.

1.2 O pai, que era um magistrado, omitiu o nome da progenitora no registo do filho

- devido ao desconhecimento da identidade inequívoca da mãe.
- já que nunca se casaram, apesar da existência de Eça.
- porque ainda não tinham casado quando Eça nasceu.
- dado que as duas famílias estavam desavindas pelo seu nascimento.

1.3 A par da sua produção literária, Eça de Queirós foi também

- jornalista e diplomata.
- médico e jornalista.
- diplomata e ministro.
- ministro e médico.

1.4 Por vezes, a escrita era realizada a duas mãos, de que é exemplo a parceria

- Cesário Verde.
- Ramalho Ortigão.
- Teófilo Braga.
- Luis de Castro.

1.5 Na segunda metade da sua vida, Eça ausentou-se de Portugal.

- mas a realidade nacional esteve sempre presente na sua escrita.
- o que conduziu ao seu alheamento da realidade política nacional.
- levando à exploração de outras culturas estrangeiras na sua escrita.
- repudiando, na sua escrita, a realidade política que se vivia no país.

1.6 Podemos afirmar que o falecimento de Eça de Queirós

- passou despercebido aos portugueses, já que ele estava no estrangeiro.
- não foi motivo de luto, apesar das honras de Estado no seu funeral.
- suscitou algum luto nacional, mas também revelou alguma indiferença.
- causou conflagramento nacional e teve honras de funeral de Estado.

2. Classifica as afirmações como verdadeiras ou falsas. Corrige as falsas.

- Eça de Queirós estudou no Porto e em Coimbra, onde se formou em Direito.
- O autor participou nas Conferências Democráticas do Casino, profereindo uma palestra sobre o Romantismo.
- Eça viveu em Havana, Newcastle, Bristol e Paris.
- As obras *A Relíquia* e *Os Maias* saíram no mesmo ano.
- Todas as obras de Eça foram publicadas em vida.

Contextualização histórico-literária
Com cronologia e informação essencial para uma visão global do período histórico em que se insere a obra e o autor a estudar.

Animação «Vidas desenhadas» de todos os autores das obras em estudo no 11º ano - facilita a compreensão do aluno e motiva para o estudo do autor/obra.

pp. 230-231

Educação Literária

Definição breve do género antes de iniciar o estudo dos textos ou da obra.

Ponto de partida
Atividade curta, para motivar ou antecipar sentidos.

Eça de Queirós, *Os Maias*

ROMANCE – género em prosa que apresenta uma ação relativamente extensa, eventualmente complicada por ramificações secundárias, podendo implicar componentes de ordem social, cultural e psicológica. Intérmes qualificados da ação são os personagens, normalmente em quantidade e complexidade mais elevadas do que no conto e no novela; são apresentadas com maior densidade psicológica, vivendo diversos conflitos ou situações dramáticas. O tempo e o espaço são categorias mais complexificadas.

PONTO DE PARTIDA

1. A partir do vídeo «Na rotagem d'Os Maias...» Um filme que não é para passar», reflete sobre os seguintes aspetos:

- complexidade da obra/filme;
- atualidade da obra/filme;
- adequação da localização (nas enciclopédias);
- pertinência da realização do filme.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

A família Mala em três gerações
Capítulo I

Afonso da Maia, com o seu filho nos braços e a mulher tremendo ao lado – via, impavidamente e sem uma palavra, a busca, as gavetas arrombadas pela corralha das escopetas, as mãos sujas do malabar rebuscando os colchões do seu leito. O senhor juiz de fora não descobriu nada; acoutou mesmo [...] «que os tempos são bem duros...». Desde essa manhã as janelas do palacete observaram-se cerradas, não se abria mais o portão nobre para sair o coche da senhora; e daí a semanas, com a mulher e com o filho, Afonso da Maia partia para Inglaterra e para os exílios.

Capítulo II

O velho regresso se atirado? E Pedro sem uma palavra atirou-se aos braços do pai, começou a chorar profundamente.

– Pedro? Que sucedeu, filho?

Maria moerera, talvez? Uma alegria cruel imadiu-vá à ideia do filho livre para sempre dos Monfortes, voltando-lhe, trazendo à sua solidão os dois netos, toda uma descendência para amar! [...]

– Entre fora de Lisboa dois dias... Voltei esta manhã... A Maria tichu fugido de casa com a peçonha... Partiu com um homem, um italiano... E aqui estou!

p. 237

Representações do sentimento e da paixão: diversificação da intriga amorosa

PONTO DE PARTIDA

1. Que a canção «Ode vana», de Bárbara Bandeira e Carmelita, e identifica os sentimentos do sujeito poético, bem como o motivo que lhes está associado.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Os amores de Pedro da Maia
Capítulo I

Mas um dia, excessos e crises findaram. Pedro da Maia amava? Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de colheita fatal e deslumbradora, uma dessas paixões que assaltam uma existência, a assolam como um furacão, arrancando a vontade, a razão, os respetos humanos e empurrando-os de roldão aos abismos.

1. Numa tarde, estando no Marriz, viu parar defronte, à porta de Madame Levaillant, uma calcete azul onde vinha um velho de chapéu branco, e uma senhora loura, embulhada num saite de Casimira. [...]

2. Sub as rodelas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um siso favelo, ondezaram de leve sobre a testa curta e clássica; os olhos marafibrosos iluminavam-na toda; a frangia leve-lhe a mais pálida a carnagem de mármore; e com o seu perill grave de orquídea, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o tale cingia – parecex a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.

Não a conhecia. Mas um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa pose de tédio – vendo o violento interesse de Pedro, o olhar azedo e perturbado com que seguia a calcete trotando Chiado acima, veio tomar-lhe o braço, marmureou-lhe junto à face na sua voz grossa e lenta:

– Queres que te diga o nome, meu Pedro? O nome, as origens, as datas e os feitos principais? E pagas ao teu amigo Alencar, ao teu sequeiro Alencar, uma garrafal de champagne?

– Veio o champagne? E o Alencar, depois de passar os dedos magros pelos anéis da cabeceira e pelas pontas do bigode, começou, todo recostado e dando um pulso aos punhos:

– Por uma doísta tarde de outono...

– André? gritou Pedro ao criado, murrelando o mármore da mesa – retira o champagne! [...]

p. 239

Educação Literária
Textos criteriosamente selecionados e que permitem uma abordagem integral da obra, de acordo com as principais linhas de leitura.

MENSAGENS EM INTERAÇÃO

EXCLUSIVO PROFESSOR
AE Educação Literária 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

Os Maias

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas – e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olávia, o rendimento da casa excedia já cinquenta mil cruzados: mais desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeia; viera também a herança de um último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só, ocupando-se de numismática: – e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fátia de páo.

A venda da Tojeira fora realmente aconselhada por Vilaça; mas nunca ele aprovava que Afonso se desfilasse de Benfca – só pela razão daqueles muros terem visto tantos desgostos domésticos. Isso, como dizia Vilaça, acontecia a todos os muros. O resultado era que os Maias, como o Ramalhete inabitável, não possuíam agora uma casa em Lisboa; e se Afonso naquela idade amava o sossego de Santa Olávia, seu neto, rapaz de gosto e de luxo que passava as férias em Paris e Londres, não queria, depois de formado, ir sepultar-se nos penhascos do Douro. E com efeito, meses antes de ele deixar Coimbra, Afonso assombrou Vilaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete! O procurador compôs logo um relatório a enumerar os inconvenientes do casarão: o maior era necessitar tantas obras e tantas despesas; depois, a falta de um jardim devia ser muito sensível a quem saísse dos arredores de Santa Olávia; e por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete, «ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me evirgo-nho de mencionar tais frioleiras nestes séculos de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais...»

Afonso riu muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram excelentes – mas ele desajava habitar sob tetos tradicionalmente seus; se eram necessárias obras, que se fizessem e largamente; e enquanto a lenda e agórios, bastaria abrigar de par em par as janelas e deixar entrar o sol.

Época de Queiroz, op. cit., cap. 1, pp. 8-9.



Rio Campos Matos, Da Maia – uma antiguidade ilustrada, Lisboa, J. M. Pereira «Arte», 2009, p. 31.

A ilustre casa de Ramires

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Irineia, e na vila vizinha, a assuada e vistosa Vila Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo «Fidalgo da Torre») trabalhava numa *Novela Histórica*, *A Torre de D. Ramires*, destinada ao primeiro número dos *Anais de Literatura e de História*, revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas. [...]

E daí, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel amarelo, roçando pela testa a rama de pena de pato, avistava sempre a inspiradora da sua *Novela* – a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limocões do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no curtain rchado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura bem contornal no azul de junho, robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Irineia, 15 solar dos Senhores Ramires desde os meados do século X.

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o morgado de Cide) lhe era certamente o mais genuíno e antigo Fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência, por linha varonil e sempre pura, até aos vovos Senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinho. E os Ramires entroncavam limpiamente a sua casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do Conde Nuno Mendes, aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Irineia, que casou em 967 com Dona Eduarda, Condessa de Carrion, filha de Bermudo, o Gotoso, Rei de Leão.

Época de Queiroz, *A ilustre casa de Ramires*, Lisboa, Livros do Brasil, cap. VI, pp. 169-172.



Autor desconhecido, *Retrato de José de Guimarães Ramires, Jr. Revista Alameda*, Paris, 1893, p. 327.

EXCLUSIVO PROFESSOR

Educação Literária
1) Os Maias eram uma antiga família nobre, baseada em «linhas colaterais», oriunda da Beira, os descendentes migraram para a cidade. Os Mendes Ramires eram uma ancestral família da aristocracia rural, orgulhosos dos seus parentiscos, que há muito residia na região do Traxado.
2) Para os Maias, as casas que possuíam em Lisboa representavam o seu estatuto social, mas também o seu poder económico. Além disso, têm um significado afetivo, pois refletem a história da família, sendo em contos que acompanharam os acontecimentos marcantes das vidas de quem as habitou. Para os Mendes Ramires, a Torre simboliza a ancestralidade da família e os laços parentíscos aristocráticos. É uma edificação que os enche de orgulho, pois, há-lhes recordar o passado glorioso desta linhagem.
3) B.

1. Em ambos os textos, a noção de família assume grande relevância para os personagens.
1.1 Caracteriza a família Maia e a família Ramires a partir dos dois textos.
2. Explícita o que representam, para os personagens, as casas dos Maias em Lisboa e «a Torre» (1) da família Ramires.
3. Selecciona a opção que completa corretamente cada espaço do texto que se segue.
Quando o narrador afirma que Carlos não pretendia «ir sepultar-se nos penhascos do Douro» (1) (6), recorre a uma _____ para sugerir que uma vida no campo seria entendida para aquela personagem habituada à cidade.
No parágrafo final do segundo texto, podemos concluir que o uso abundante de adjetivos – como «genuíno» (1) (17), «antigo» (1) (19) – está ao serviço da _____ família Mendes Ramires.
A. metáfora ... crítica à B. metáfora ... valorização da C. hipérbole ... crítica à D. hipérbole ... valorização da

«Mensagens em Interação», no final da unidade, tendo por base a interpretação de dois textos apresentados em paralelo (da obra em estudo e outro com o qual «dialogue»), de acordo com o mais recente modelo da prova de exame nacional.

FICHAS INFORMATIVAS

FICHA INFORMATIVA 8

Debate

Que é?
O debate é um diálogo formal e estruturado, entre vários pontos de vista, múltiplos, defendendo opiniões diferentes e orientado por um moderador. Discute-se um tema com o objetivo de mostrar as diversas perspetivas possíveis, não sendo obrigados a atingir um consenso. Basta a maioria «do lado vencedor» a ter...

Quais são as suas finalidades?
• Aprofundar um tema de interesse geral.
• Apresentar pontos de vista diferentes.
• Construir opiniões (argumentos e contra-argumentos).
• Incluir e excluir ideias.
• Possibilitar o conhecimento da mão-válida da sua argumentação.

Quais são as suas características?
• Tem de natureza argumentativa e caráter formal.
• Centro em torno de um tema específico, de interesse geral, que ocorre predominantemente na discussão.
• Caracteriza-se por vários participantes que interagem verbalmente de forma dialógica, produzindo um conjunto de argumentos textuais que formam um todo discursivo (diálogo).
• Racional, verbal e não verbal, postura correta, tom de voz persuasivo, articulação (dicação apropriada), ritmo enérgico e adequado, expressão clara, postura oportuna e contacto visual com o interlocutor.

Que fazes nele?
• Argumentar e responder/«analisar o tema e apresentar a participação».
• Expor/colocar cada participante expõe o seu ponto de vista sobre o tema.
• Discutir e participar/opor ideias, entendimentos, ou seja argumentos e contra-argumentos dos oponentes.
• Concluir/ síntese dos pontos de vista apresentados e dos principais argumentos e contra-argumentos.
• Fechar o debate.

Nota: Quando o debate pode ser realizado em formato presencial ou online, o moderador deve assegurar que todos os participantes tenham a oportunidade de se expressar e de serem ouvidos.

Imagem: Um grupo de pessoas em discussão.

p. 153

FICHA INFORMATIVA 5

Características trágicas dos protagonistas

O herói trágico

- Os heróis das tragédias são personagens de elevada natureza, moral e social superiores, que, devido a uma falha de caráter, e em virtude da força dos deuses, sucumbem em «erro de julgamento» que os condena à perdição e, frequentemente, à morte.
- Encontramos em Carlos, em Maria Eduarda e em Afonso da Maia características que os aproximam do modelo do herói trágico. São indivíduos que revelam evidência de caráter e a sua vida parece ser marcada por uma fatalidade, regida por previsões, que antecipam o final trágico que se desenrola sobre eles.
- Este final trágico concretiza-se na separação dos dois irmãos e na morte de Afonso, mas também nos fins dos Maias enquanto família, pois, ao fim, Carlos inicia a descendência.

Carlos da Maia	Maria Eduarda	Afonso da Maia
<ul style="list-style-type: none"> • Destina-se ao cargo de tenente, pelo facto de ter sido a primeira criança a nascer. • Tem um percurso de vida marcado por situações que antecipam o seu final trágico, como o acidente de carro, a morte da mãe e a separação com o pai. • Confronta-se com a morte da mãe e de Maria Eduarda. • Converte-se em herói de guerra quando se alistou no exército português para lutar na guerra de Espanha. • Sente uma profunda dor por não ter conhecido o pai e por não ter conhecido a mãe. 	<ul style="list-style-type: none"> • É descendente da família Maia e tem um percurso de vida marcado por situações que antecipam o seu final trágico, como o acidente de carro, a morte da mãe e a separação com o pai. • Confronta-se com a morte da mãe e de Maria Eduarda. • Converte-se em herói de guerra quando se alistou no exército português para lutar na guerra de Espanha. • Sente uma profunda dor por não ter conhecido o pai e por não ter conhecido a mãe. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sofredor pela natureza de sua condição e pelo seu caráter elevado. • Confronta-se com a morte da mãe e de Maria Eduarda. • Converte-se em herói de guerra quando se alistou no exército português para lutar na guerra de Espanha. • Sente uma profunda dor por não ter conhecido o pai e por não ter conhecido a mãe.

Imagem: Três retratos de personagens masculinos.

p. 264

FICHA INFORMATIVA 3

Reprodução do discurso no discurso

É frequente, no discurso oral ou escrito, reproduzirmos os discursos de outros falantes (literários ou não literários), a reprodução de forma mais ou menos rigorosa ou aproximada, da palavra produzida ou pensada, por outros falantes, por uma personagem ou por este próprio.

São várias as modalidades de reprodução do discurso, destacando-se o **discurso direto**, o **discurso indireto**, o **discurso indireto livre** e a **citação**.

Modalidades de reprodução do discurso

Discurso direto

- Reproduz fielmente os palavras produzidas ou pensadas por outro falante, conservando as marcas estilísticas do discurso que está a reproduzir.
- Apresenta-se no escrito delimitado por travessões ou apóstrofo, sendo utilizado para referir-se a um texto literário de outro falante, a um discurso ou a um pensamento.
- Ex: «E disse Afonso varrido, abatido, ao momento: «- Não posso, não posso, não posso, não posso...» (1) (10).

Discurso indireto

- Discursos que referenciam o enunciador original, fazendo o leitor saber que se trata de uma reprodução, da fala ou do pensamento de outro falante ou de uma personagem ou do narrador.
- Está moldado segundo as regras estilísticas do estilo e forma de produção discursiva.
- Ex: «... E, por isso, não se podia, que se não encontrava nunca carta dele e que me contava...» (1) (10).

Discurso indireto livre

- Discursos que referenciam o enunciador original, mas não são delimitados por travessões, sendo utilizados para referir-se a um texto literário de outro falante, a um discurso ou a um pensamento.
- Não é delimitado graficamente por apóstrofo ou travessões, e a 2ª pessoa e o tempo de referência do discurso indireto coincidem com os do falante, ao interagir com o discurso direto do falante.
- Está moldado segundo as regras estilísticas do estilo e forma de produção discursiva.
- Ex: «... E, por isso, não se podia, que se não encontrava nunca carta dele e que me contava...» (1) (10).

Citação

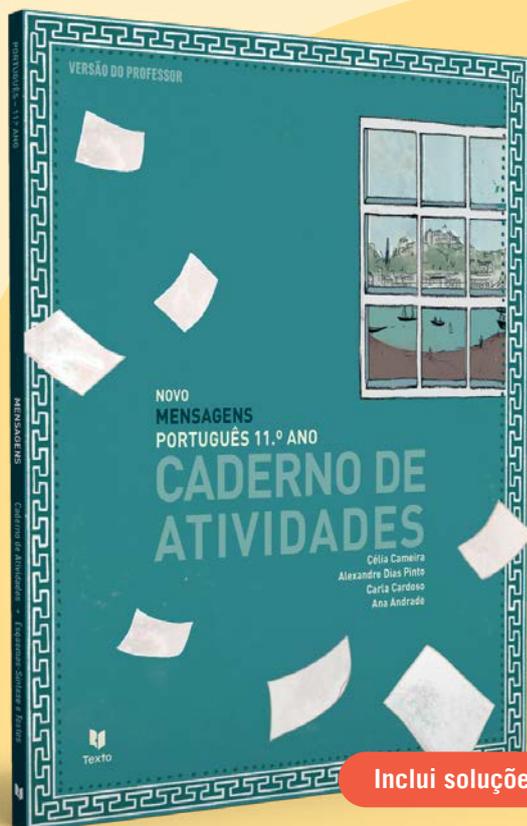
- Integração de palavras, frases ou trechos de um falante no discurso de outro falante ou do narrador, sendo utilizadas para referir-se a um texto literário de outro falante, a um discurso ou a um pensamento.
- Ex: «... E, por isso, não se podia, que se não encontrava nunca carta dele e que me contava...» (1) (10).

p. 254

Sistematização dos **novos géneros textuais** em estudo no 11.º ano.

Sistematização dos **conteúdos temáticos** da unidade

Sistematização dos **novos conteúdos gramaticais** de 11.º ano



CADERNO DE ATIVIDADES

PARTE 1

Educação Literária

Fichas de trabalho por obra literária, com itens de tipologia alargada.

Gramática

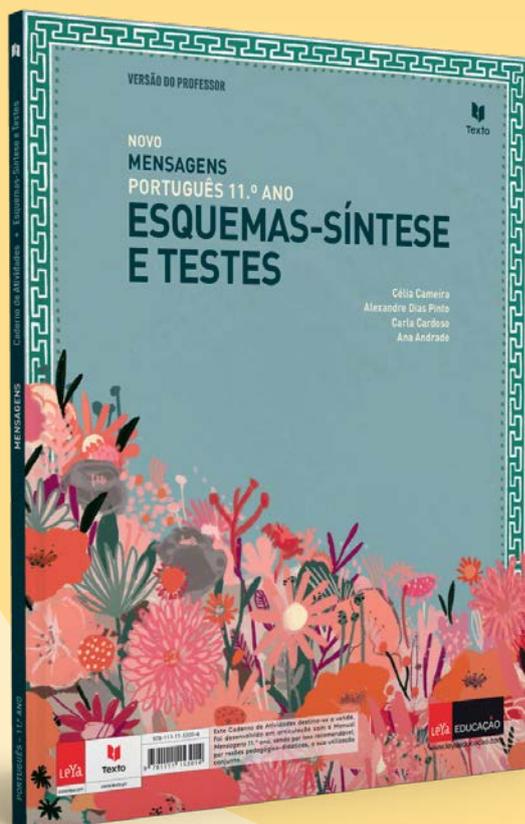
Fichas de trabalho, com exercícios de tipologia diversificada para treino e consolidação de aprendizagens.

Leitura e Gramática

Fichas de trabalho, com um conjunto de exercícios que seguem a tipologia de itens da avaliação externa.

Escrita e Oralidade

Fichas de trabalho, com propostas de Escrita/Oralidade orientadas.



CADERNO DE ATIVIDADES

PARTE 2

Esquemas-síntese dos autores e das obras de leitura obrigatória de Educação Literária de 10.º e 11.º anos.

Testes de avaliação por unidade, de preparação para os momentos de avaliação, com a estrutura e a tipologia de itens da avaliação externa.

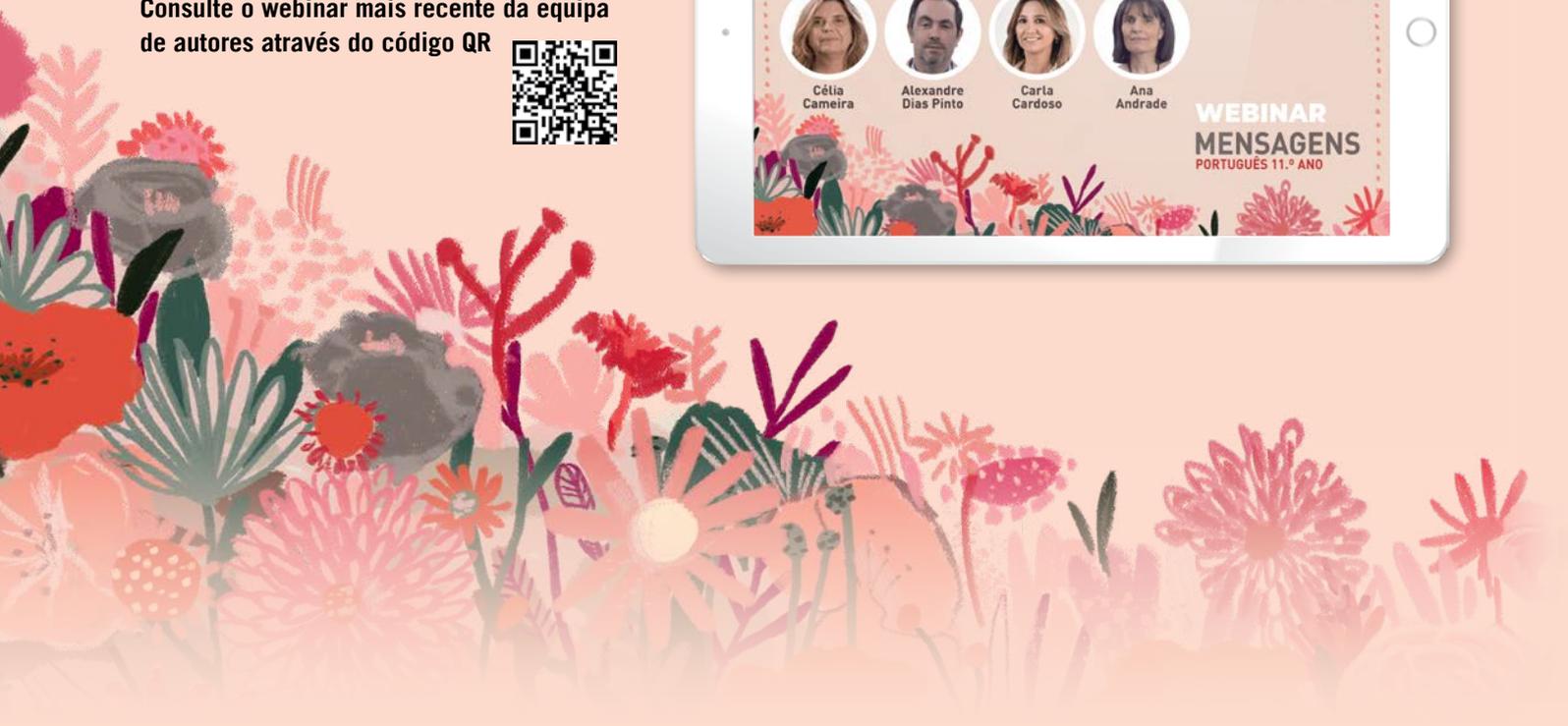
No final, soluções para todas as atividades.

FORTE APOIO AO PROFESSOR

no Manual, no Dossiê e nos Recursos Digitais

Durante a utilização do projeto, os Professores contam com o apoio próximo dos autores, que farão sugestões práticas para melhor potenciar os materiais, as atividades e os recursos do projeto.

Consulte o webinar mais recente da equipa de autores através do código QR



NOVO

AVALIAR E APRENDER NUMA CULTURA DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Avaliação baseada em critérios

Nesta publicação destacamos:

- ▶ avaliação formativa e sumativa – conceitos, propósitos e práticas;
- ▶ critérios de avaliação e a sua utilização na avaliação e na classificação;
- ▶ diversificação dos processos de recolha de informação;
- ▶ participação dos alunos nos processos de avaliação.



Consulte o webinar mais recente da equipa de autores através do código QR



Domingos Fernandes

DOSSIÊ DO PROFESSOR



Editável em Word®

Completo e uma verdadeira ajuda para o Professor



- ▶ **Planificações e planos de aula**
 - Planificação anual e semestral
 - Planos de aula
- ▶ **Ensino digital**
 - Guia de recursos multimédia
- ▶ **Fichas de trabalho**
 - Educação Literária
 - Gramática
 - Leitura e Gramática
 - Escrita
 - Oralidade (Compreensão do Oral)
 - Oralidade (Expressão Oral)
 - Soluções
- ▶ **Testes de avaliação**
 - Testes de avaliação da Compreensão do Oral (transcrições e soluções)
 - Testes de avaliação escrita, matrizes e cenários de resposta (2 por unidade)
 - Grelha de correção de testes, e respetivo Excel® em  **auladigital**
- ▶ **Questões de aula**
 - Compreensão do Oral
 - Educação Literária
 - Leitura
 - Gramática
 - Grelhas de avaliação por domínio em  **auladigital**
- ▶ **Materiais de apoio**
 - 3 obras de opção (subunidade didática de «A abóbada», *Viagens na minha terra* e *A ilustre casa de Ramires*)
 - Projetos de interdisciplinaridade
 - Avaliação por rubricas **NOVO**
 - Projeto de Leitura
 - Transcrição dos recursos áudio/vídeo do Manual

AVALIAÇÃO DIFERENCIADA

- ▶ **Planificações e planos de aula**
 - Planificação anual
- ▶ **Questões de aula adaptadas**
 - (para alunos com maiores dificuldades)
- ▶ **Testes de avaliação adaptados**
 - (para alunos com maiores dificuldades)
- ▶ **Grelhas de avaliação**
 - (disponíveis também em versão Excel®)
- ▶ **Cenários de resposta**

Recursos digitais para a sala de aula e para o estudo autónomo do aluno.



Encenações comentadas



NOVO

Animação: «Vidas desenhadas»

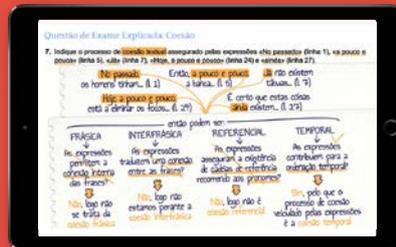


NOVO

#ComoResponderBem?



Gramáticas com animação e exercícios



Questões de exame explicadas



Apresentações em PowerPoint® com apresentação de conteúdo e atividades

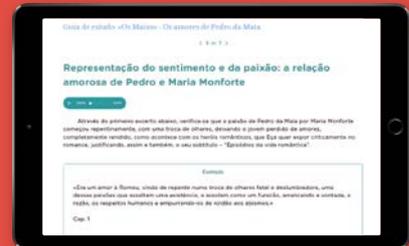


Animações para os géneros textuais

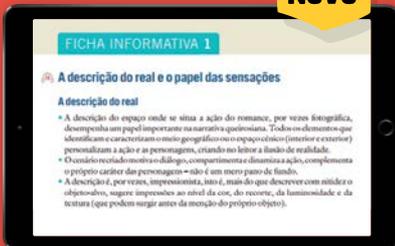


NOVO

Linhas do tempo

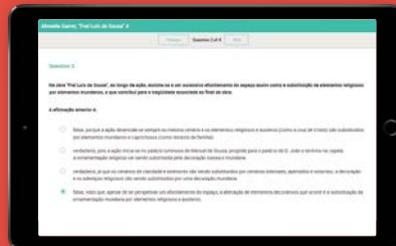


Guias de estudo



NOVO

Locuções de fichas informativas



Quizzes e Testes interativos



Smart, vídeos e quizzes rápidos com explicação imediata e avaliação do progresso

Para estudar em qualquer lugar!

Saber mais:



www.mensagens11.te.pt